

# Cirurgia acaba com pesadelo das mãos úmidas

**ALÍVIO**  
Distúrbio do suor excessivo nas mãos, pés e axilas já tem solução

RONALDO OLIVEIRA

Atividades triviais, como cumprimentar alguém, escrever numa folha de papel ou digitar um texto no computador podem ser fonte de constrangimento quando se sofre de hiper-hidrose, distúrbio que se caracteriza pelo suor excessivo – principalmente nas mãos, pés e axilas –, e que atinge 1% da população mundial. Tratada durante décadas com paliativos, a hiper-hidrose tem solução definitiva numa cirurgia relativamente simples, mas de nome complicado: simpatectomia torácica por videotoroscopia. “A hiper-hidrose é uma função exagerada de uma parte do sistema nervoso autônomo, mas é classificada como doença no Código Internacional de Doenças. O desconforto que provoca só quem tem sabe avaliar”, diz o cirurgião Luiz Eduardo Villaça Leão, 47, professor titular de Cirurgia Torácica do Departamento de Cirurgia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), que nos últimos 20 meses operou mais de 300 pacientes de todo o País.

A economista Juliana Seixas, de 26 anos, conta que passou apuros em seu primeiro emprego – um estágio na Caixa Econômica – porque trabalhava no atendimento ao público e lhe cabia entregar senhas aos clientes. “As pessoas reclamavam que o papel estava encharcado, e eu morria de vergonha”, lembra. Por conta do suor exagerado, Juliana não podia calçar sandálias – os pés estavam sempre escorregando – e só se sentia bem usando calças jeans, nas quais volta e meia enxugava as mãos.

## Reações

Maíra Oliveira, 20, universitária, lembra que seus problemas começaram ainda na pré-escola, especialmente durante as brincadeiras de roda: ao perceberem suas mãos molhadas, muitas crianças reagiam de forma hostil, o que a deprimia. “Privei-me de muita coisa por conta da hiper-hidrose. Gostaria, por exemplo, de ter estudado piano, mas o suor me inibia”, diz. Entre as várias atividades iniciadas na infância, a natação foi a única que levou até o fim, “por motivos óbvios”. Embora

o resultado não tenha sido tão completo em relação aos pés – algo previamente esclarecido pelo médico –, Maíra afirma que a cirurgia lhe trouxe “um bem incomensurável”.

O trauma da hiper-hidrose foi tão marcante para Lúcia (nome fictício, pois não quer ser identificada) que ela nunca assumiu ter esse problema nem contou a ninguém que fez a cirurgia. “Quando alguém notava minhas mãos úmidas e frias eu dizia que era pressão baixa”, diz a universitária de 23 anos. Em busca de cura para a hiper-hidrose a família de Lúcia a levou a psicólogo, dermatologista e neurologista. Por indicação médica, chegou a tomar calmantes durante algum tempo, mas além de ficar sonolenta, nada mais acontecia.

As três foram operadas, no Hospital São Paulo, na capital paulista, pelo cirurgião Luiz Eduardo Villaça Leão e hoje estão livres do que definem como um “pesadelo”. A operação, embora exija anestesia geral, não dura mais que meia hora e o paciente tem alta no dia seguinte. São feitas duas incisões, de 0,5 cm, de cada lado do tórax, sob as axilas. Por uma delas passa uma microcâmera que permite ao cirurgião visualizar a cadeia de nervos simpáticos e remover os gânglios responsáveis pelo estímulo ao suor nas mãos e axilas. O resultado é imediato. “Quando acordei da anestesia já estava com as mãos secas; custei a acreditar”, diz Maíra.

Luiz Leão explica que o procedimento é contra-indicado para portadores da chamada hiper-hidrose secundária – consequente de hipertireoidismo, distúrbios psiquiátricos, menopausa ou obesidade –, insuficiência respiratória ou cardiovascular grave ou com seqüela de doença pleural. Após a cirurgia, a pessoa pára de suar no rosto, mãos (que serão hidratadas com cremes) e axilas. Um efeito colateral é a sudorese compensatória, que ocorre geralmente nas costas e na barriga em momentos de exercício ou quando o ambiente está quente. Ao contrário das mãos, a redução da sudorese nos pés é em torno de 50%. Para ser total, seria necessária outra cirurgia, feita na região da bacia, mas desaconselhável, segundo o médico, devido às complicações que acarreta.

Na Internet, na página [www.hiperhidrose.com/hiperhidrose.htm](http://www.hiperhidrose.com/hiperhidrose.htm), criada pelo cirurgião, muita gente está descobrindo que seu desconforto não é um caso sem jeito.



Juliana (E) e Maíra: mais confiantes e tranquilas, após a cirurgia que as livrou da hiper-hidrose

## Distúrbio surge na infância

Mal de origem psicossomática que afeta cerca de dois milhões de brasileiros, a hiper-hidrose primária pode surgir na idade madura, mas geralmente se manifesta na infância. “O nezinho engatinha e deixa o rastro...”, diz o doutor Luiz Leão, acrescentando que na idade pré-escolar e escolar a criança está pouco ligando para isso. “Começa a incomodar na

hora que os outros passam a notar e criticar. Eu procuro evitar operar crianças muito pequenas”, afirma. Seu paciente mais jovem tinha 12 anos e o mais velho, 65. O portador da hiper-hidrose em geral busca escondê-la. Na falta de solução, ele cria rotinas para conviver com o problema, que não lhe causa só constrangimentos, mas também prejuízos. Muita gente já

perdeu oportunidade de emprego por se sentir insegura devido ao suor excessivo nas mãos. Digitadores com freqüência têm que trocar os teclados de suas máquinas, danificados pelo suor abundante. No campo afetivo, então, a insegurança é total. Por isso é que a indicação da cirurgia, segundo o doutor Leão, é avaliada pelo desconforto que provoca no paciente.

## Vídeo torna operação segura

O professor Luiz Leão diz que há mais de 50 anos sabe-se que a simpatectomia poderia eliminar os sintomas da hiper-hidrose. Os cirurgiões, entretanto, evitavam a operação convencional, feita pelo pescoço, devido às seqüelas neurológicas que deixava, principalmente nos olhos (Síndrome de Homer). Era uma cirurgia mais invasiva e que necessitava de internação hospitalar prolongada, com demora no retorno às atividades, pós-operatório doloroso e resultado estético pouco satisfatório.

A situação mudou a partir de 1992, quando as microcâmeras de vídeo passaram a ser utilizadas em cirurgias do tórax, permitindo ao cirurgião visualizar com clareza a cadeia de nervos simpáticos, que há de cada lado

da coluna vertebral, retirando ou cauterizando com precisão os gânglios que estimulam o suor nas mãos e axilas. A microcâmera ajuda-o a evitar certos nervos, como o responsável pelo movimento das pálpebras. Antes, havia sempre o risco de o paciente sair da mesa de operação com as mãos secas, mas com um olho mais fechado que o outro.

Com a videotoroscopia, o resultado é imediato e duradouro. O paciente recebe alta no dia seguinte à operação e retorna a suas atividades habituais dentro de, no máximo, dez dias. Nesse período, ele é orientado a fazer exercícios respiratórios de inspiração profunda e sustentada. As incisões são mínimas e quase imperceptíveis, após a cicatrização.



O cirurgião Villaça Leão já operou mais de 300 pacientes

# Bruxos passam tradições para as novas gerações

CLEIDIANA RAMOS

Na coleção “As Brumas de Avalon” a escritora Marion Zimmer Bradley apresenta um profundo estudo do que era a religião celta, uma filosofia que envolve a magia fundamentada no conhecimento e estudo da natureza. Era desta corrente que saíam os bruxos, outrora tão temidos. Sinônimo de algo tenebroso e demoníaco no mundo cristão, milhares deles acabaram nas fogueiras da Inquisição. Independentemente da perseguição, adeptos dos cultos eternizados por personagens como Morgana e Merlin conseguiram resistir e eis que, agora, com toda a liberdade, assumem sua opção religiosa, como os integrantes do Templo Casa Telucama, localizado num condomínio sediado na Praia de Ipitanga, em Lauro de Freitas.

“O estereótipo que criaram para as bruxas inverteu toda a nossa filosofia e proposta maior como religião. Fomos execrados durante dois mil anos, mas nossa força permitiu que os templos se mantivessem e as tradições fossem passadas de geração a geração”, salientou

Graça Lúcia Azevedo, a Senhora Telucama, sacerdotisa do Templo. Chamada Wicca, a tradição religiosa orientada pelo templo vem da Grã-Bretanha e tem mais de dez mil anos de existência.

“A Casa Telucama significa terra, lua, caminhos da magia. Temos escolas iniciáticas e a nossa proposta maior é a busca do conhecimento por meio do elo maior que é a relação homem natureza”, explicou Graça que diz ser originária de uma tradição de mulheres sacerdotisas de origem celto-portuguesa. O templo atual, de acordo com Graça, tinha que ser fundado, pois ele já estava no Brasil, desde 1917, continuando um outro centro religioso fundado em Portugal.

## Força natural

Ser bruxa na tradição Wicca significa ter a deusa despertada em seu interior. “É a tomada da consciência do poder feminino. Conhecer-se como mulher, vencer a energia da lua, estar centrada com todos os seus ciclos naturais, como o menstrual, o maternal e a menopau-



Bruxa da tradição Wicca faz meditação em Lauro de Freitas

sa. No caso dos homens, há a busca do equilíbrio e da essência do ser humano”, acrescentou Graça Azevedo.

Na Casa Telucama funciona uma escola, que tem como objetivo levar os alunos a buscar os caminhos dos deuses. Os ensinamentos são distribuídos por tendas e há uma rígida disciplina a ser obedecida. Na Tenda da Terra os ensinamentos são passados para adolescentes de 12 a 17 anos. Na Tenda das Águas ficam os postulantes à Casa Telucama, numa espécie de iniciação. A Tenda da Lua abriga mulheres a partir

dos 19 anos. A Tenda do Sol é formada por homens com idade também a partir dos 19 anos e na Tenda de Gaia, também chamada de nave mãe, ficam os sacerdotes da casa.

“Nós obedecemos o calendário lunar, celebramos os sabath e as quatro estações”, explicou a sacerdotisa. No templo são cultuados deuses de vários pantheões, como o egípcio, o celta, o grego, o romano e também o africano, mas, no caso deste, há diferenças da forma utilizada no candomblé. “Tudo é feito dentro do nosso contexto de ritualização”, frisou Graça Azevedo.

## Procedimento exige dedicação

Cirurgião do tórax, formado há 25 anos, Luiz Eduardo Villaça Leão vem se dedicando às operações por vídeo desde 1992. Nos últimos 20 meses, entretanto, seu interesse concentra-se principalmente nas cirurgias de hiper-hidrose, tendo realizado, nesse período, cerca de 320 procedimentos. “Essa é uma cirurgia que exige dedicação, não é para ser feita eventualmente. Tem que fazer todo dia”, assegura.

Há que considerar também o componente psicológico, observa o médico. Os pacientes precisam ser bem orientados, pois a operação é só parte do tratamento. Por esse motivo, vê com certa apreensão a excessiva popularidade em torno da simpatectomia. “Há várias situações que a gente opera uma vez por mês ou uma vez a cada seis meses. Mas a simpatectomia por hiper-hidrose, não”, insiste.

Isto explica porque algumas pessoas tiveram resultados parciais nesse tipo de operação: muitos se queixam que a sudorese desapareceu em apenas uma das mãos, por exemplo. Quando esses casos lhe são apresentados, o médico diz que é preciso examinar com muita atenção. “Se um lado que o paciente operou não deteve o suor, isto significa que o cirurgião não chegou até a região onde deveria ter chegado. Nesse caso, é possível corrigir. Porém, quando já existe seqüela, não há como removê-la”.

Foto: Adilson Nunes

## Respeito à religião e ao planeta Terra

As mulheres iniciadas no culto celta aprendem que seu corpo físico é um invólucro do divino, da essência da chamada Grande Mãe.

“Aprendemos também o respeito ao planeta Terra que é o grande útero que nos abriga e, principalmente, aprendemos o respeito à religiosidade do próximo seja ela qual for”, destacou a sacerdotisa.

Os adeptos da Wicca têm no estudo uma das suas obrigações. Na Grã-Bretanha, onde a tradição ainda é muito forte, existem até universidades para a formação dos bruxos, costume que se repete também na Itália.

“Esta é a religião em que mais se estuda. Por isto a maioria dos bruxos são pro-

fissionais liberais”, disse Graça Azevedo, sacerdotisa do templo Casa Telucama.

## Ritual da luz

Na noite de ontem os membros da Casa Telucama reuniram-se para o ritual da luz, uma celebração composta por danças e ceias sagradas. A festa é dedicada à Grande Mãe, marca a capacidade de integração entre o homem e o cosmos e acontece, anualmente, na lua cheia do mês de abril.

“Temos também o ritual do alimento que é a consagração da última colheita do trigo do nosso calendário”, explicou a sacerdotisa Graça Azevedo. Os participantes do ritual buscam a interiorização da luz presente no universo.

Foto: Carlos Santana